

CULTIVAR PLANTAS E COLHER A INFÂNCIA: Uma Etnografia com Crianças Mapienses e seus Vínculos com a Floresta¹

Matheus Lopes Hengles (UFSCar/SP)
Edmundo Antonio Peggion (UNESP/SP)

Palavras-Chave: Antropologia da Criança, Áreas Protegidas, Manejo Tradicional, Santo Daime, Enteógenos

Introdução

A Vila Céu do Mapiá está situada no município de Pauini, no estado do Amazonas, integrando uma área protegida constituída como Floresta Nacional que abrange a região do Alto e Médio Purus, compondo o bioma amazônico. Para chegar à vila é necessário utilizar via rodoviária, fluvial ou aérea para percorrer a distância entre as cidades de Rio Branco (AC) e Boca do Acre (AM). Em seguida, para cobrir a distância de Boca do Acre (AM) até o Céu do Mapiá (AM), realiza-se um trajeto por via fluvial com pequenas canoas fabricadas de troncos de árvores escavadas, embarcação apropriada para a navegação dos igarapés sinuosos. Além disso, a vila é o centro simbólico nacional e internacional de uma dissidência do Santo Daime, religião criada pelo migrante nordestino Raimundo Irineu Serra na primeira metade do século XX, que foi desenvolvida por Sebastião Mota de Melo.

O caráter comunitário e o discurso ambientalista são elementos constituintes dos habitantes da vila: os mapienses. Com efeito, também é característica da linha do Santo Daime fundada pelo chamado padrinho Sebastião: a Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal (ICEFLU). Nesse sentido, na ocasião de uma bolsa de iniciação científica que possibilitou um estudo etnográfico comparativo com crianças de comunidades ayahuasqueiras, das quais estão incluídas crianças de igrejas ligadas a ICEFLU, foi constatado, sobretudo, nos (1) hinos cantados e bailados nos trabalhos espirituais, (2) no manejo tradicional da biodiversidade em comunidades ligadas a Vila Céu do Mapiá e (3) no levantamento de desenhos e estudos sobre a corporalidade de crianças daímatas, a sacralização de uma decocção que provoca estados de alteração de

¹Esta pesquisa recebe o suporte da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) com o número de processo 25/04153-3. Este texto foi escrito em razão da apresentação no GT 057 - “Dilemas éticos e metodológicos nos estudos sobre psicoativos” durante a 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

consciência com potenciais pedagógicos evidenciados, por exemplo, na relação mantida pelos adeptos com seu ambiente.

Ou seja, as questões que originaram esta proposta estiveram em nosso horizonte durante este primeiro trabalho, a saber: se existem saberes espirituais de ordem ambiental a partir da agência de um enteógeno, como as crianças mapienses se relacionam com seu território, sendo ele uma área protegida? Desta questão central, constituem-se outras três: O que é ser uma criança mapiense? Qual sua relação com plantas, seres espirituais e animais? E como ocorre o manejo da biodiversidade na Vila Céu do Mapiá?

Portanto, as articulações que se seguem estão organizadas da seguinte maneira: na justificativa tratamos de trabalhos precedentes realizados no Céu do Mapiá e as contribuições desta proposta para o campo da Antropologia da Criança. Em seguida, explicitamos nossos objetivos gerais e específicos.. Com efeito, situados na Antropologia da Criança, esclarecemos as informações a serem levantadas, a metodologia possibilitada por um trabalho etnográfico e os recursos metodológicos representados pelos desenhos e fotografias. Por fim, tratamos da forma de análise de resultados destes materiais

1. Justificativa

Esta é uma proposta de etnografia situada na Antropologia da Criança cujo objetivo principal é compreender a relação das crianças com seu ambiente na Vila Céu do Mapiá, Pauini (AM). Contatos anteriores permitiram a construção deste trabalho, o vínculo do pesquisador principal com a religiosidade daimista contribui com a sua entrada em campo² e o pesquisador responsável pela proposta, Prof. Dr. Edmundo Antonio Peggion, cuja orientação se mostrou proveitosa durante o desenvolvimento de iniciação científica, como pôde ser constatado nos resultados possibilitados pelo trabalho discutidos em congressos científicos, na redação de monografia de conclusão de curso com base nos relatórios enviados à FAPESP e na elaboração de um

² Como aponta Beatriz Labate (2000, p.7), ser identificado como “de dentro” do grupo, contribui a um acesso privilegiado a este universo, pois os adeptos sabem que não se trata de alguém em busca de sensacionalismo a partir de suas práticas. Outros pesquisadores, como Oliveira (2015) e Esteves (2010), enfrentaram dificuldades de inserção em campo na Vila Céu do Mapiá pela ausência de vínculo com a religiosidade, embora no segundo caso, a autora tenha participado dos trabalhos espirituais com consumo do enteógeno e aponta que isto contribuiu com a pesquisa.

documentário etnográfico a partir dos levantamentos em campo, se dispôs a dar seguimento à orientação.

Dito isto, é interessante notar a escassez de estudos que focalizem as crianças daimistas e sua relação com o território, tendo em vista a centralidade dos saberes espirituais de ordem ambiental na religiosidade daimista e o intenso envolvimento da comunidade na regulamentação de áreas protegidas. Deste modo, privilegia-se neste trabalho uma imersão cuja relevância social e científica é expressa na contribuição ao debate sobre o uso tradicional do território e práticas de conservação, além de uma maior compreensão sobre as experiências e concepções da infância daimista, ainda brevemente exploradas. Nesse sentido, é importante destacar que a Floresta Nacional do Purus é uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável estabelecida no estado brasileiro com maior cobertura florestal e que sofre constantes ameaças pela grilagem de terras e o avanço da fronteira agrícola. Não obstante, os adeptos do Santo Daime já haviam realizado uma proposta para o estabelecimento de uma Reserva Extrativista, mesmo antes da constituição desta modalidade no Brasil e em consonância com os valores defendidos por Chico Mendes³. Entretanto, não houveram aprofundamentos sobre estes aspectos nos trabalhos sobre o Céu do Mapiá.

Sendo assim, nesta seção, contextualiza-se o desenvolvimento de pesquisas sobre religiões ayahuasqueiras brasileiras, com especial atenção àquelas desenvolvidas no Céu do Mapiá e o seu eventual foco sobre a territorialidade das crianças mapienses. Por conseguinte, tratamos da inserção deste trabalho na Antropologia da Criança e suas contribuições à este campo.

1.1 Trabalhos Precedentes e a Territorialidade das Crianças Mapienses

Os trabalhos pioneiros sobre religiões ayahuasqueiras foram escritos na década de 1980: com Clodomir Monteiro da Silva (1983), Fernando de La Rocque Couto (1989), Alex Polari de Alverga (1984) e Vera Fróes Fernandes (1986). Nos anos de 1990, foram produzidos trabalhos que constituem importantes referências para os dias atuais, como o de Edward Macrae (1992) e a dissertação de mestrado de Alberto Groisman (1991),

³ De acordo com o portfólio e o Plano de Trabalho da proposta da Reserva Extrativista Mapiá-Inauini (SOUZA, 1989), o projeto teve apoio do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e estava alinhado com a adoção do extrativismo como solução ecológica para a Amazônia, conforme defendido por Chico Mendes. Sua discussão estava sendo realizada quando nenhuma unidade desta categoria havia sido implantada no Brasil (SOUZA & FULLER, 1989, p.1).

com especial atenção a este último que foi realizado, especificamente, na Vila Céu do Mapiá focalizando as práticas rituais e sociais em um estudo comparativo com a literatura etnográfica sobre povos indígenas que também usam as plantas utilizadas no preparo da ayahuasca para fins rituais. Outrossim, podemos citar a tese de Sandra Lucia Goulart (1996), sobre as raízes culturais do Santo Daime e a dissertação de mestrado de Beatriz Labate (2000) sobre a reinvenção da utilização da ayahuasca quando esta entra em contato com o meio urbano.

No que se refere a Vila Céu do Mapiá, Mara Rosane Teixeira (2004) atuou em uma pesquisa com o objetivo de compreender a visão de mundo e a construção de saberes que as crianças vivenciam na cotidianidade da doutrina do Santo Daime e constitui importante referência para a realização desta proposta, tendo em vista o esforço inédito tomado pela autora por compreender as crianças como sujeitos concretos. No entanto, é importante notar que a autora privilegia os processos de aprendizagem que têm como dimensão central a religiosidade daimista.⁴ Por conseguinte, Moraes (2005), realiza um estudo situado na psicologia ambiental e focaliza as relações entre os sujeitos, o entorno histórico-cultural e a prática religiosa coletiva dos mapienses, buscando compreender o “ethos” do Céu do Mapiá, isto é, o conjunto de características que determinam a forma de ser desta coletividade. Em seguida, Esteves (2010), buscou compreender o desenvolvimento do sincretismo realizado pelo Santo Daime da ICEFLU através de um estudo etnográfico. Não obstante, Oliveira (2015), em sua tese de doutorado que tem como área de concentração a Psicologia Social e do Trabalho, analisou o perfil psicológico das crianças participantes da doutrina do Santo Daime relativo ao seu desenvolvimento emocional e cognitivo. Contudo, é importante notar que, dos trabalhos citados, apenas o de Teixeira (2004) articula referências e compromissos que entendem as crianças como produtoras de cultura.

Dito isto, nosso questionamento central é: como as crianças mapienses se relacionam com seu território, sendo ele uma área protegida? A Vila Céu do Mapiá está situada dentro da Floresta Nacional do Purus, estabelecida pelo decreto Nº 96.190 de 14

⁴ Mara Rosane Teixeira (2004), em sua dissertação de mestrado situada no campo da Educação, trabalhou com o objetivo central de compreender a visão de mundo das crianças mapienses. A autora privilegia os processos de aprendizagem atravessados pela religiosidade daimista e traz referenciais importantes sobre estes saberes. No entanto, destaca-se que, embora a territorialidade amazônica seja contextualizada, sua pesquisa não focaliza as relações das crianças mapienses com seu ambiente. Ou seja, a dificuldade de equacionar justiça social e conservação ambiental expressa no manejo tradicional dos mapienses não é focalizada, assim como a constituição do território como uma área de proteção ambiental e os movimentos inéditos dos mapienses para a constituição de tais áreas não recebem análise privilegiada.

de junho de 1988 com uma área de 256.000 hectares em Pauini-AM, integrando o bioma amazônico⁵ e onde se localizam um conjunto de áreas protegidas cujos moradores tiveram no extrativismo da castanha, borracha, pesca e agricultura de subsistência, seus meios de vida, embora este quadro tenha sofrido alterações nos últimos anos⁶. No momento de delimitação da área, os técnicos apontaram a comunidade como “bastante peculiar”⁷. A peculiaridade era apontada por conta do grupo ser uma comunidade intencional organizada em torno da sacralização de uma decocção e possuir um conhecimento etnobotânico da floresta, além de sua vocação declarada de atrair adeptos para realizar uma experiência “antropo-ecológica”: a de reunir um povo para viver dentro da floresta, com a floresta e em devoção a floresta (ICMBio, 2009a, p.59).

Nesse sentido, defende-se que na Vila Céu do Mapiá, cultivar plantas implica em “colher a infância”, pois esta última não está desvinculada dos modos de se relacionar com a floresta a partir de vínculos cosmológicos próprios da religiosidade daimista. O Plano de Trabalho da proposta de Reserva Extrativista descreve que a comunidade mapiense pratica uma “ecologia por intuição”⁸ em suas práticas agrícolas. Isto é, constata-se como a pedagogia-espiritual daimista está vinculada às práticas cotidianas de produção de alimentos e substâncias e, por sua vez, está diretamente relacionada à

⁵ A Flona encontra-se na tipologia de vegetação identificada como floresta úmida da Amazônia sul ocidental, se estendendo por quase todo o estado do Acre e parte do sudoeste do Amazonas, de modo que a unidade esteja inserida no bioma amazônico (ICMBIO, 2009a). Nesse sentido, é relevante pontuar que a Amazônia legal, a qual o Acre se insere, é a região definida pelo decreto de Lei Nº5.173/66, com área de 500 milhões de hectares, ou dois terços do país. Além disso, em praticamente todos os grupos biológicos da região é possível constatar uma dificuldade de encontrar informações consistentes e sistematizadas, por conta de dificuldades de acesso e falta de investimentos públicos em pesquisa (LIMA, 2004).

⁶ Trabalhos recentes corroboram para constatar que através da rede de solidariedade daimista e sua expansão internacional, a população predominante na Vila Céu do Mapiá, ao contrário do perfil inicial, não está atrelada a atividades extrativistas como os fundadores que eram castanheiros e seringueiros (OLIVEIRA, 2015).

⁷ Conforme o plano de manejo da Flona Mapiá-Inauini (ICMBio, 2009b), a proposta inicial era a de criar uma Reserva Extrativista em acordo com a visão de Chico Mendes na adoção do extrativismo como solução ecológica, conforme planos de trabalho, documentos, cartas e emails trocados com o Programa para o Meio Ambiente das Nações Unidas (SOUZA & FULLER, 1989).

⁸ De acordo com Daniel Pesquero, padrinho da Igreja Céu da Nova Era, filiada a ICEFLU e situada em São Lourenço da Serra-SP, em entrevista realizada no dia 18.08.2024: “não planto arroz e feijão porque não tenho toda essa terra para isso, é soja né? Mas fruteiras, hortaliças, todas essas coisas eu planto para mim, porque nós somos a terra, o nosso corpo. A busca de informações sobre noções sociais de infância foi iniciada anteriormente às formulações sobre a noção de Pessoa como um meio privilegiado de desvendar sentidos e lógicas das sociedades indígenas brasileiras (COHN, 2001). Egon Schaden (1945, 1976) é quem primeiro aborda como a sociedade Guaraní pensa suas crianças. No caso das crianças daimistas, é interessante perceber que os processos de produção corporal estão associados aos agenciamentos de uma planta professora, através de uma pedagogia espiritual, isto é, através de experiências enteogênicas resguardadas por práticas culturais que envolvem valores e disposições de uma comunidade que concebe a infância daimista de uma determinada forma e assim produz seus corpos.é dela, formado absolutamente por ela, então a nossa relação com a nossa terra é fundamental.”

noção de infância mapiense⁹. Em outras palavras, levando em consideração que o modo como o corpo é disposto em relação ao ambiente e a técnica utilizada para este ato constituem montagens fisio-psico-sociológicas marcadas pelo modo de vida de uma sociedade, sendo a técnica um ato tradicional eficaz que não se difere do ato “mágico, religioso e simbólico” (MAUSS, 2003, p.407), o estudo destes processos nos permitem compreender como ocorre a produção da pessoa. Esta especificidade analítica, amparada na tese desta proposta, fundamenta nossas contribuições à Antropologia da Criança.

1.2 Contribuições à Antropologia da Criança

De acordo com Fernanda Cruz Rifiotis (2021), Antropologia da Criança possibilita o reconhecimento de diferentes habilidades das crianças em relação aos adultos, sua autonomia e potencial de decisão que corroboram a pensar em uma categoria de infância fundamentalmente relacional. Deste maneira, de acordo com Emilene Leite de Souza (2015), é interessante pontuar que a antropologia não possui técnicas predeterminadas rigidamente, o que implica a necessidade de escolhê-las a cada vez, conforme as características e a natureza do problema abordado, sendo que as experiências em campo revelam a etnografia como um movimento privilegiado para pesquisar crianças, pois é revestida de estratégias capazes de dar conta do seu dinamismo (RIFIOTIS, 2021, p. 14).

Nesse sentido, sempre houveram estudos sobre crianças, mas com exceção da Escola de Cultura e Personalidade, estes eram esparsos (COHN, 2001, p.13): Margaret Mead (1955) manteve o compromisso de abordar aspectos da infância e adolescência, questionando sua ausência nas etnografias e possibilitando o entendimento de como estas são vistas em diferentes culturas, como exemplo da obra “Coming of Age in Samoa” (1928) que reflete sobre os efeitos civilizacionais na puberdade com foco nas meninas de Samoa. Nas reflexões de Ruth Benedict (MEAD, 1955) sobre o ciclo de crescimento e transição da infância para o mundo adulto, evidencia-se o que é tido como “tornar-se” homem nas diferentes culturas, marcando a dicotomia criança-adulto e narrativas que impossibilitam a agência das crianças. Podemos encontrar também a ideia de integração e conformação com os ideais humanos, sintetizados na ideia de

socialização (compreendendo sociedades como corpos estáveis e imutáveis) no trabalho de Florestan Fernandes e Egon Schaden (1976) sobre a educação em sociedades indígenas, ideia de imutabilidade também presente na Escola Inglesa de Antropologia (COHN, 2005).

Abordagens recentes são direcionadas a compreender os agenciamentos das crianças em seus próprios universos, reconhecendo que muito daquilo que é afirmado sobre elas são argumentos construídos por adultos: o enfrentamento do etnocentrismo em relação aos grupos infantis é um desafio em nossas pesquisas (DELGADO, 2005). Muito embora elas não sejam os únicos sujeitos do trabalho, pois os processos e temáticas com que trabalhamos envolvem também outras categorias geracionais, o esforço para tomar estas como sujeitos é justamente por compreender sua agência, repensar métodos tradicionais de pesquisa e se articular por caminhos sensoriais de suas práticas, como os desenhos (SOUZA, 2015), assim como nos demais aspectos de suas culturas lúdicas (BROUGÈRE, 1998), isto é, nas sua brincadeiras e toda sorte de ações que apresentam muitas vezes um caráter subversivo, burlando regras e se articulando em suas culturas através de múltiplas contingências, o que nos faz lembrar de uma ação cosmopolítica tal qual aquela desempenhada por xamãs (LOPES, 2002).

Clarice Cohn (2013, p.223) aponta que embora a Antropologia da Criança tenha um campo consolidado e reconhecido, ainda necessita de uma entrada no debate maior da antropologia. Uma entrada que permita uma voz ampliada na compreensão de vários fenômenos sobre os quais o debate antropológico se debruça. Nesse sentido, é importante considerar que as legislações afetam em maior ou menor grau as crianças e uma boa compreensão dos contextos jurídicos, institucionais e territoriais pode ser revelador em pesquisas que focalizem crianças ao elucidar facetas das relações com políticas públicas (COHN, 2005, p.44). Sobretudo, é importante considerar que comunidades tradicionais habitantes de áreas protegidas, se relacionam com a diversidade de seres vivos integrando-os em cosmologias complexas (DIEGUES, 2019, p.120) nos territórios que representam o reconhecimento de seus direitos humanos e sua contribuição ao patrimônio natural do país (ALMEIDA, 2021, p.6).

Sendo assim, considerando que a Antropologia da Criança é marcada pela interdisciplinaridade e atravessada por articulações teórico-metodológicas a partir da antropologia (RIFIOTIS, 2021, p.8), esta proposta busca contribuir ao campo em que se situa: 1) na compreensão sobre a especificidade das relações das crianças mapienses com o bioma amazônico; 2) no mapeamento de ações relacionadas ao Plano de Manejo

da Floresta Nacional do Purus desenvolvidos em ações com participação das crianças; 3) em uma inserção no debate abrangente sobre conservação da biodiversidade a partir de uma etnografia atenta ao modo ímpar de cultivar a infância no Céu do Mapiá.

Por fim, no trabalho de Christina Toren (1993, p.468), aponta-se que não se pode entender completamente as relações entre os adultos a menos que investiguemos o que as crianças sabem sobre elas. Sobre este mesmo trabalho, Clarice Cohn (2005, p.34) pontua que a análise de Toren evidencia como os significados elaborados pelas crianças são qualitativamente diferentes daqueles feitos pelos adultos, de modo que estudar crianças é fundamental para entender a cultura que os antropólogos estudam. Sendo assim, a ausência de trabalhos que considerem a relação de crianças mapienses com seu ambiente sem perder de vista as problemáticas implicadas em habitar e se relacionar com território¹⁰, assim como as demais contribuições apontadas, constituem a justificativa para a realização desta pesquisa.

2. Objetivos

Primeiramente, tendo em vista a necessidade de uma maior abrangência dos estudos com crianças nos temas sobre os quais o debate antropológico se debruça (COHN, 2013, p.223), a capacidade das crianças de testemunhar as mais variadas esferas da sociabilidade, seu papel ativo na construção de sentidos e a possibilidade permitida pela antropologia da criança em compreender outras infâncias que muitas vezes não são reconhecidas em políticas públicas. Assim como, tendo em mente a problemática aqui abordada, outros modos de ser criança que podem não ser consideradas em discursos de conservação da natureza e por lógicas de acumulação de terras refletidas em determinadas políticas que regem áreas protegidas, o objetivo central deste trabalho é compreender como as crianças mapienses se relacionam com o seu território.

Por conseguinte, tomamos como objetivos específicos:

¹⁰ Pleitear a autonomia, em termos epistemológicos, das produções culturais das crianças em relação aos adultos, significa reconhecer tais universos em relação de complementaridade (RIFIOTIS, 2021, p.14). Nesse sentido, é relevante apontar que o último, e único, trabalho que considera esta autonomia no território em questão foi realizado há 20 anos, isto é, o de Mara Rosane Teixeira (2004), com destaque a ausência de uma abordagem que se ocupa dos objetivos propostos nesta pesquisa etnográfica, ainda não considerados na bibliografia sobre o Céu do Mapiá.

1) Entender o que é ser uma criança mapiense: Toda pesquisa antropológica com ou sobre crianças deve levar em consideração as concepções de infância¹¹ da sociedade em questão. Além disso, é necessário compreender que a concepção de infância e a produção da Pessoa estão associados e são fundamentais para compreender as experiências da infância, pois tudo aquilo que se faz para crianças, faz seus corpos¹² e crescer está relacionado a um processo mediado por diversas relações (humanas e não-humanas), de brincadeiras e formas de intervir no mundo (COHN, 2013). Nesse sentido, é interessante notar a constatação de Mara Rosane Coelho Teixeira (2004, p.113) sobre as crianças mapienses no que se refere a necessidade de conhecer o processo de construção dos saberes na vida dessas crianças, isto é, o contexto singular e complexo de ter o Santo Daime como fonte privilegiada de produção de saberes, para compreender suas visões de mundo.

2) Identificar as relações das crianças com entidades espirituais, plantas e animais: A doutrina daimista, como religiosidade híbrida afetada por concepções ameríndias, é marcada pela presença de diversos seres não-humanos que são evidenciados nos hinos e nas mirações¹³. Outrossim, as duas plantas que formam a decocção são divinizadas e a agricultura daimista é marcada pela integração da experiência religiosa com suas técnicas. Em consonância, a construção de saberes e fazeres atravessados pelos conhecimentos sistematizados na escola e nos projetos comunitários são mediados pela cosmologia daimista (TEIXEIRA, 2004).

¹¹ De acordo com Cohn (2013, p.241), as ações voltadas às crianças e o lugar que lhes é destinado são definidos por concepções de infância na mesma medida em que o modo como as crianças atuam e o que elas pensam sobre o mundo está condicionado a posição que lhes é oferecida. Posição conhecida, reconhecida e, eventualmente, contrariada.

¹² A busca de informações sobre noções sociais de infância foi iniciada anteriormente às formulações sobre a noção de Pessoa como um meio privilegiado de desvendar sentidos e lógicas das sociedades indígenas brasileiras (COHN, 2001). Egon Schaden (1945, 1976) é quem primeiro aborda como a sociedade Guarani pensa suas crianças. Entre os processos fundamentais identificados: o respeito pela personalidade humana e a noção de que esta se desenvolve livre e independente em cada indivíduo, sem necessidade de interferência decisiva. Isto é, não existiria esforço para a formação do caráter da criança, o que se explica pela concepção de alma e reencarnação que estabelece que o caráter da pessoa é inato. No caso das crianças daimistas, é interessante perceber que os processos de produção corporal estão associados aos agenciamentos com uma planta professora, através de uma pedagogia espiritual, isto é, através de experiências enteogênicas resguardadas por práticas culturais que envolvem valores e disposições de uma comunidade que concebe a infância daimista de uma determinada forma e assim produz estes corpos.

¹³ Miração é o nome dado por daimistas aos processos pedagógico-espirituais em estado alterado de consciência, como visões de animais, espíritos, lugares distantes, arquiteturas, entre outros.

3) Mapear ações de conservação da biodiversidade: Entendendo o manejo tradicional como técnicas atreladas ao saber e saber-fazer que unificam o relacionamento com o ambiente e o âmbito mítico-ritual (DIEGUES, 2019, p.119), assim como a integração dos modos de se relacionar com o território e os saberes espirituais de ordem ambiental na Vila Céu do Mapiá. Aponta-se a necessidade de acompanhar os projetos comunitários e educacionais relacionados às discussões do Plano de Manejo da Floresta Nacional do Purus e compreender qual é a visão das crianças sobre o assunto.

3. Material e Métodos

Este trabalho consiste em uma etnografia situada na antropologia da criança que objetiva compreender as relações com o ambiente das crianças mapienses. Dito isto, trabalhamos com diversos interlocutores, embora nossos movimentos estejam no sentido de reconhecer a agência das crianças na produção de suas culturas. Sendo assim, ao trabalhar em uma pesquisa com crianças, temos em mente que as experiências de diversos pesquisadores apontam a etnografia como revestida de técnicas capazes de dar conta do dinamismo do universo infantil (RIFIOTIS, 2021, p.14). Com efeito, na tentativa de apreender as práticas e significados, a observação direta é essencial e nos permite associar o olhar, ouvir e escrever no que toca a composição da vida cotidiana das pessoas com quem trabalhamos. Pois contar uma história é também construir caminhos, inventar atalhos, selecionar imagens, desenhar lugares e narrar silêncios, o que requer, além do conhecimento da história, a disposição em escolher os artefatos: métodos, técnicas e instrumentos que possibilitam contar a história (SOUZA, 2015).

Como recursos metodológicos serão utilizados:

1) Desenhos: como via de acesso às narrativas infantis e suas produções imagéticas lúdicas (SOUZA, 2021; COHN, 2023; RIFIOTIS, 2021). Considera-se que os desenhos nos colocam face a duas questões: meios e modos de coletá-los e as concepções sobre os modos que crianças entendem e dão sentido ao mundo, de maneira que o método de sugestão de temas para crianças permite uma classificação dos desenhos em uma

tipologia de respostas associadas a uma questão, embora desenhos livres também apresentam potencial revelador. Trabalharemos com os dois casos mantendo conversas durante o processo de produção e tratando o processo criativo com especial atenção aos seguintes elementos: escala em que aparecem nos textos, legibilidade, circunstância de produção, material utilizado, nível de interesse das crianças, com ou sem orientação, individual ou em pares. Destaca-se que os desenhos constituem práticas sociais situadas em contextos e relações cultivadas, logo, não universais (SOUZA, 2024) e considerar a produção de desenhos como técnica legítima de pesquisa implica no reconhecimento e respeito pelos modos próprios de dizer sobre si e o ambiente habitado pelas crianças, sendo um recurso que revela aquilo que a retórica, o corpo e os gestos não nos dizem (SOUZA, 2021, p.88).

2) Fotografias: recurso explorado no célebre trabalho de Gregory Bateson e Margaret Mead (1942), será utilizado como via para refletir sobre os agenciamentos corporais das crianças e possibilitar o desenvolvimento de uma narrativa visual paralela ao texto, buscando explorar aspectos sensoriais que contribuem no entendimento dos temas aqui abordados. Destaca-se que, conforme Teixeira (2004), a visão de mundo das crianças mapienses pode ser observada como estritamente vinculada a um conjunto de experiências vividas concretamente no cotidiano¹⁴, de modo que a autora também utilizou a fotografia para operacionalizar sua abordagem apontando que a mesma possui o potencial de providenciar uma imagem do universo o qual a criança faz parte, sobretudo, quando atrelada a observação direta com registros em diário de campo, rememoração, relação de informações e textualização do trabalho. Outrossim, conforme Souza (2015, p.150), o recurso situa-se como um mecanismo de captar expressões da sensibilidade, imaginação e intuição que contribui para tomar da pesquisa com crianças a lição de uma ciência antropológica sensível aos modos de dizer do outro: sua forma e conteúdo, seja na linguagem concatenada, na expressão artística-documental ou nos dizeres corporais.

¹⁴ Oliveira (2015, p.98) contribui para esta constatação: a visão de mundo das crianças mapienses está fortemente vinculada às situações concretas da vida cotidiana, onde a doutrina daimista assume papel primordial como possibilidade de referência para estruturação de sua vida. Assim, as crianças constroem e reconstroem maneiras peculiares de ver o mundo que são mediadas pelas orientações espirituais que buscamos captar através do recurso fotográfico.

Mara Rosane Teixeira (2004), aponta que o levantamento de informações em seu trabalho com as crianças mapienses foi realizado através do exercício etnográfico em um processo metodológico de estranhamento e familiarização “(...) considerando o olhar, o ouvir e o escrever.” (p.20), destacando a necessidade de pensar as crianças como inseridas em um tempo e lugar mediado por relações culturais específicas, com atenção às estratégias desenvolvidas por elas em ressignificar e atribuir ludicidade às suas ações. Além disso, Marina Batista de Souza, que trabalha em uma pesquisa de doutorado sobre a infância daimista em igrejas no Maranhão, aponta a importância de buscar compreender o que as crianças aprendem no contexto daimista seja nos rituais, ou nas atividades comunitárias, com atenção ao que estas podem nos ensinar como sujeitos em suas brincadeiras e na subversão de lógicas que operam¹⁵. Por fim, o método aqui utilizado e sua instrumentalização são também resultantes de experiências etnográficas precedentes com crianças daimistas e na consequente verificação de seu potencial para levantar informações.

4. Forma de Análise de Resultados

De acordo com Marylin Strathern (2014), a descrição etnográfica implica em elucidar e descrever os contornos da vida social como um fenômeno relacional irreduzível aos axiomas elementares. Nos termos da autora, a atividade descritiva possui um dinamismo intrínseco ao operar nas observações em campo e na relação destas informações em um diário. Dinamismo que permite trabalhar com uma organização social: um sistema complexo em evolução que gera comportamentos imprevisíveis. Dito isto, procede-se da seguinte forma no que toca a relação de informações e disseminação de resultados.

1) Cruzamento de informações documentadas em diário de campo, fotografias e entrevistas a partir do acompanhamento das atividades cotidianas e trabalhos espirituais. Sendo assim, trabalha-se objetivando entender um fenômeno em seu contexto social e cultural através da observação direta e buscando compreender as visões de mundo das crianças a partir do ponto de vista que se inserem (COHN, 2005, p.9).

¹⁵ Informação verbal concedida pela pesquisadora em função da elaboração do documentário “Brincando com a Ayahuasca”, no dia 21/01/2025. Marina é doutoranda no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Maranhão e sua pesquisa tem o título: “Eu sou pequenininho, mas trago os meus ensinamentos: uma etnografia da participação das crianças no Santo Daime”.

2) Catalogação de desenhos¹⁶ e relação de comentários a partir de predicados temáticos, de maneira que evidencie as interações das crianças com os seres divinos, as plantas e os animais. Compreendendo os desenhos como técnica eficaz de pesquisa e aliada nos estudos com crianças, permitindo a manifestação de suas vozes e o estabelecimento de diálogos diretos (SOUZA, 2021, p.63).

3) Mapeamento de atividades relacionadas ao Plano de Manejo da comunidade, suas práticas de conservação empreendidas em projetos comunitários e atividades de produção de alimentos e substâncias. Considerando a existência dos saberes e vínculos cosmológicos da população como fundamentais na realização do manejo da biodiversidade (DIEGUES, 2019, p.124).

Atuamos com os seguintes conjuntos de informações obtidas em campo: desenhos, entrevistas, anotações de campo e fotografias, devidamente relacionados no sentido de responder como as crianças mapienses se relacionam com seus territórios. Com efeito, levando em consideração as concepções e autonomia relativa das crianças, os resultados representam a ampliação da abrangência de estudos com crianças em temas sobre os quais o debate antropológico se debruça, sobretudo, em um bioma marcado pelo avanço da fronteira agropecuária, grilagem de terras e desmatamento descontrolado cuja maior parte se encontra no Brasil e carrega importância para todo o equilíbrio climático do planeta (ICMBIo, 2009a; LIMA, 2004). Sendo assim, é previsto no plano de trabalho a disseminação de resultados através de artigos científicos e apresentação em congressos.

¹⁶ Por não serem seres passíveis, as crianças reproduzem as culturas dos adultos através de uma interpretação que lhes é própria, se valendo de uma autonomia relativa, de modo que os desenhos tensionam a ideia de representação e trazem para o primeiro plano de relações a “criação”, os modos de criar e de se colocar no mundo. Ponto importante para pensar nas possibilidades de vida, concepções de infância e particularidades dos sujeitos que podem contribuir à políticas públicas (DELGADO, 2005, p.17). Sendo assim, a catalogação ocorrerá de modo a identificar a recorrência e interconexão dos temas.

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; TRENCH, M. V. . Educação escolar e práticas comunitárias na floresta daimista do Céu do Mapiá. **REVISTA COCAR (UEPA)**, v. 22, p. 1-22, 2023.

_____. Pedagogia da Ayahuasca: Por uma decolonização epistêmica do saber. **ARCHIVOS ANALÍTICOS DE POLÍTICAS EDUCATIVAS / EDUCATION POLICY ANALYSIS ARCHIVES**, v. 26, p. 85, 2018.

ALVERGA, Alex Polari de. 1984. **O Livro das Mirações**: Viagem ao Santo Daime. Rio de Janeiro, Editora Rocco.

ARAÚJO, Ana Valéria. Terras Indígenas no Brasil: retrospectiva, avanços e desafios no processo de reconhecimento. In: RICARDO, Fany. **Terras Indígenas & Unidades de Conservação da Natureza**. São Paulo: Instituto Socioambiental (Isa), 2004. p. 24-37.

BARBOSA DE ALMEIDA, Mauro W.; ALLEGRETTI, Mary Helena; POSTIGO, Augusto. O legado de Chico Mendes: êxitos e entraves das Reservas Extrativistas. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S. l.], v. 48, 2018. DOI: 10.5380/dma.v48i0.60499. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/60499>. Acesso em: 4 fev. 2025.

BENSUSAN, Nurit. Terras Indígenas: as primeiras Unidades de Conservação. In: RICARDO, Fany. **Terras Indígenas & Unidades de Conservação da Natureza**. São Paulo: Instituto Socioambiental (Isa), 2004. p. 66-78.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza**. Brasília,

BROWN JR., K. S.; Freitas, A. V. Diversidade Biológica no Alto Juruá: Avaliação, Causas e Manutenção. In: Carneiro da Cunha, M.; Barbosa de Almeida, M. W. **Enciclopédia da Floresta**, 2002, pp. 33-42

BROUGÈRE, Gilles. A Criança e a Cultura Lúdica. **Revista Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, dez. 1998.

COUTO, Fernando La Rocque. 1990. **Santos e xamãs**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade de Brasília, Brasília.

COHN, Clarice. **A Criança Indígena**: a concepção Xikrin de infância e aprendizado. São Paulo: USP, 2000a (dissertação de mestrado).

_____. **Noções sociais de infância e desenvolvimento infantil**. Cadernos de Campo, n.9, ano 10, 2000b

_____. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Concepções de infância e infâncias**: Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. Civitas - Revista de Ciências Sociais, v. 13, n. 2, p. 221–244, maio 2013.

DELGADO, Ana Cristina Coll Furg. MÜLLER, Fernanda. 2005. *Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas*. PPGEDU/Ufrgs: **Plataforma de Pesquisas - A Casa Tombada**, acesso em 11 de janeiro de 2024, <https://biblioteca.acasatombada.com.br/items/show/1223>.

DIEGUES, Antonio Carlos. Conhecimentos, práticas tradicionais e a etnoconservação da natureza. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S. l.], v. 50, 2019. DOI: 10.5380/dma.v50i0.66617. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/66617>. Acesso em: 4 fev. 2025.

FERNANDES, Vera Fróes. 1986. **História do Povo Juramidam**: Introdução à Cultura do Santo Daime. Manaus, Suframa.

FEIJÃO, Theresa Jaynna de Sousa. **Gira Gira Criancinha**: aprendizado da religião Santo Daime por crianças frequentadoras do espaço "Céu de Todos os Santos" em Teresina-Piauí-Brasil. 2015. 171 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2015.

GOULART, Sandra Lucia. 1996 **Raízes culturais do santo daime**. 1996. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo . Acesso em: 30 set. 2024.

GROISMAN, Alberto. 1996. "**Santo Daime: notas sobre a luz xamânica da Rainha da Floresta**". In: Langdon, Esther Jean (org.) *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. Florianópolis, Editora da UFSC.

HASSLER, M. L. A importância das unidades de conservação no Brasil. **Sociedade & Natureza**, [S. l.], v. 17, n. 33, 2006. DOI: 10.14393/SN-v17-2005-9204. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9204>. Acesso em: 4 fev. 2025.

ICMBio, **Plano de Manejo da Floresta Nacional do Purus**. 2009a

ICMBio, **Plano de Manejo da Floresta Nacional Mapiá-Inauini**. 2009b

LABATE, Beatriz Caiuby. 2000. *A reinvenção do uso da Ayahuasca nos centros urbanos*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.

LIRA, Wagner Lins. 2018. "**Crianças do Astral**": A Infância no Centro Ayahuasqueiro Flor de Jasmim. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, [s. l.], v. 2, n. 6, p. 7-31.

LIMA, André. Um Pouco sobre a Amazônia Legal. In: RICARDO, Fany. **Terras Indígenas & Unidades de Conservação da Natureza**. São Paulo: Instituto Socioambiental (Isa), 2004. p. 359-363.

MACRAE, Edward. 1992. *Guiado pela Lua. Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime*. São Paulo, Brasiliense.

MALINOWSKI, Bronisław. 1978. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores.

MAUSS, Marcel. **As Técnicas do Corpo**. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 399-422

MEAD, Margaret. **Coming of Age in Samoa**: a psychological study of primitive youth for western civilisation. New York: Blue Ribbon Books, 1928

MEAD, Margaret; WOLFENSTEIN, Martha. **Childhood in Contemporary Cultures**. Chicago: The University Of Chicago Press, 1955

MORUZZI, Andrea Braga. 2008. Cultura Da Infância: Entre Textos, Desenhos e Outras Linguagens. Intervenções Infantis nas Formas de Subjetividade. In: **Seminário sobre Linguagens**. Políticas de Subjetivação-Educação. *Anais do 4. Seminário de Linguagens, Políticas de Subjetivação - Educação*. Rio Claro: Unesp, p. 41-52.

MORAIS, Anaruez Ferreira. 2005. **O Ethos e o futuro na Vila Céu do Mapiá, Amazonas, Brasil**. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, São Paulo. Acesso em: 02 out. 2024.

OLIVEIRA, Lívea Pires Martins de. **Crianças que bailam na floresta**: avaliação psicológica das crianças participantes da doutrina do Santo Daime residentes na vila Céu do Mapiá, Pauini/AM. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-04012016-151345/>. Acesso em: 07 fev. 2025.

OLIVEIRA, Priscila da Silva. **"Qué pintá!"**: desenhos de crianças e o modo de vida Guarani Mbya na Tekoa Pyau. 2022. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48137/tde-24012023-105802/>. Acesso em: 04 fev. 2025.

OVIEDO, Antonio Francisco Perrone. **Os territórios indígenas e tradicionais protegem a biodiversidade?** São Paulo: Sbp, 2021. 134 p.

REDFORD, K. H. The Empty Forest. **BioScience**. 42(6), 412- 422, 1992.

RICARDO, Fany. Apresentação. In: RICARDO, Fany. **Terras Indígenas & Unidades de Conservação da Natureza: o desafio das sobreposições**. São Paulo: Instituto Socioambiental (Isa), 2004. p. 7-11.

RIFIOTIS, Fernanda Cruz; RIBEIRO, Fernanda Bittencourt; COHN, Clarice; SCHUCH, Patrice. 2021. A antropologia e as crianças: da consolidação de um campo de estudos aos seus desdobramentos contemporâneos. **Horizontes Antropológicos**, [S.L.], v. 27, n. 60, p. 7-30, FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832021000200001>.

SCHADEN, Egon. [1913] 1974. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo, EdUSP.

SANTILLI, Márcio. A Cilada Corporativa. In: RICARDO, Fany. **Terras Indígenas & Unidades de Conservação da Natureza**. São Paulo: Instituto Socioambiental (Isa), 2004. p. 11-15.

SEEGER, A.; DA MATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. **Boletim do Museu Nacional**, v. 32, p. 2-19, 1979

SILVA, Clodomir Monteiro da. 1983. **O palácio de Juramidam**: Santo Daime: um ritual de Transcendência e Despoluição. Pernambuco. Dissertação de Mestrado, UFPE.

SILVA, Aracy Lopes da. Pequenos 'xamãs': crianças indígenas, corporalidade e escolarização. In: SILVA, Aracy Lopes da. **Crianças indígenas**: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002. p. 38-60.

STRATHERN, Marilyn. 2014. O Efeito Etnográfico. In: STRATHERN, Marilyn. **O Efeito Etnográfico**. São Paulo: Cosac Naify. p. 345-407.

SOUZA, Paulo Roberto Silva e. 1989. **Portfólio e Plano de Trabalho da Reserva Extrativista Mapiá-Inauini**. Rio de Janeiro.

SOUZA, Paulo Roberto Silva e; FULLER, Richard. 1989. **The Brazilian Answer: proposal for the establishment of the céu do mapia extractive reserve**. Rio de Janeiro

SOUSA, Emilene Leite de; PIRES, Flávia Ferreira. 2021. Entendeu ou quer que eu desenhe? Os desenhos na pesquisa com crianças e sua inserção nos textos antropológicos. **Horizontes Antropológicos**, [S.L.], v. 27, n. 60, p. 61-93. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832021000200003>.

_____. 2015. As Crianças e a Etnografia: Criatividade e Imaginação na Pesquisa de Campo com Crianças. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 38, n. 16, p. 140-164.

TOREN, Christina. 1993. **Making History: the significance of childhood cognition for a comparative anthropology of mind**, Man (NS), 28, pp. 61-478

TEIXEIRA, Mara Rosane Coelho. **Em roda dos meninos**: um estudo da visão de mundo construída pelas crianças da floresta, na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá/AM. 2003. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87022?show=full>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Hinarios

MELO, S. M. **O Justiceiro**. Ribeirão Preto: Gráfica Rainha (ICEFLU), 2013.

SERRA, R. I. **O Cruzeiro**. Ribeirão Preto: Gráfica Rainha (ICEFLU), 2025.

Entrevistas

PESQUERO, Daniel. **A Fundação do Céu da Nova Era, São Lourenço da Serra**. 2024. Entrevistador: Matheus Lopes Hengles. São Lourenço da Serra, out. 2024. 1 arquivo .mp4 (60 min.).